

Os mosaicos do Arneiro (Arnal)

Por

MARIA CRISTINA MOREIRA DE SÁ DOUGUÉDROIT

Licenciada em Ciências Históricas e Filosóficas
Bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian

INTRODUÇÃO

O lugar do Arneiro e não do vizinho Arnal como erradamente é conhecido, fica a NW da Batalha, pertencendo à freguesia de Maceira-Lis, do concelho de Leiria. Em Agosto de 1848 o Rev. Patrick B. Russel encontrou as ruínas de uma *villa* romana quando examinava a formação geológica do terreno adjacente a Leiria. O primeiro indício foi-lhe fornecido pelo aparecimento de uma porção de mosaico, levando-o a pensar que estaria em presença de ruínas com interesse. Comprando os direitos da escavação logo começou os trabalhos encontrando apenas a 1 metro de superfície um mosaico que forrava a sala de uma casa de que ainda restavam algumas paredes. Prosseguindo as escavações veio a pôr a descoberto uma casa com várias salas todas decoradas com mosaicos à excepção de uma. Um deles, particularmente interessante, foi, não obstante o seu tamanho, levado para Inglaterra.

Apesar desta descoberta não houve entre nós nenhuma Instituição ou cientista que se interessasse pelo acontecimento ficando pois as ruínas votadas ao abandono. Quase um século depois, em 11 de Agosto de 1944, o «Diário de Notícias» relatava o aparecimento ocasional de um fragmento de mosaico romano quando se procedia à abertura de um poço. Teria sido arrancado e levado para local seguro. Dois anos depois, em 11 de Abril

de 1946, foi encontrada uma mó romana e um fragmento de outra, assim como restos de uma cisterna.

Certamente levado por estes achados e conhecedor dos anteriores, o senhor Virgílio de Sousa resolveu proceder a escavações valendo-se para isso de ser pessoa influente na região. Assim em Agosto de 1948 iniciou os seus trabalhos com todo o cuidado pondo a descoberto mais mosaicos. Durante alguns anos conservou o lugar devidamente coberto de areia para perseverar os pavimentos e rodeado de uma cercadura defensiva para impedir os curiosos de estragarem as ruínas. Continuando a fazer escavações nas zonas próximas, encontrou ainda restos de materiais de construção, fragmentos de cerâmica, escórias de ferro e muitas moedas.

Em 26 de Fevereiro de 1949 o «Diário de Notícias» relatava também o aparecimento de ossadas numa pedreira de mármore e calcário da Empresa de Cimentos de Leiria, que fica próxima do local das escavações. Na Páscoa desse ano o senhor Virgílio de Sousa empreendeu novas escavações que chegaram a atingir 1,80 m. Mais recentemente foi descoberta uma escadaria em anfiteatro, que foi destruída, bem como restos de canalizações antigas.

Entre o espólio encontrado nas várias escavações feitas pelo senhor Virgílio de Sousa conta-se um elevado número de moedas de prata e de cobre de imperadores de várias épocas, mas sobretudo de Constantino, cerâmica, objectos de adorno (alfinetes) e uma cruz de chumbo.

Visitei o local quando bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian e pude observar aqui e ali tesselas que apareciam à superfície. O senhor Virgílio de Sousa, que amavelmente me acompanhou na visita, deu-me todas as explicações necessárias e mostrou-me várias moedas, a cruz de chumbo e outro espólio, assim como me forneceu os negativos das fotografias dos mosaicos inéditos, o que muito agradeço. (1)

(1) Neste trabalho utilizaram-se as seguintes abreviaturas:

BLAKE I = Blake, *The Pavements of the Roman Buildings of the Republic and Early Empire*, in *Memoirs of the American Academy in Rome*. 1930.

BLAKE III = Blake, *Mosaics of the Late Empire in Rome and Vicinity*, idem, 1940.

LEVI = Doro Levi, *Antioch Mosaic Pavements*. Princeton. 1947. 2 vols.

PARLASCA = Klaus Parlasca, *Die Römischen Mosaiken in Deutschland*. Berlin. 1959.

STERN I = H. Stern, *Recueil Général des Mosaïques de la Gaule*, I, 1. Paris. Centre National de la Recherche Scientifique. 1957.

STERN II = idem, I, 2. Paris. 1959.

STERN III = idem, I, 3. Paris. 1963.

MOSAICOS

Os mosaicos de que temos notícia são em número de seis, e apresentam características de várias épocas. Como foram descobertos há muitos anos e não se levantaram no momento plantas das habitações a que pertenciam, nem o espólio encontrado foi estudado ou classificado cientificamente, a única possibilidade de datação que resta ao investigador é o da comparação com outros mosaicos do mundo romano, publicados em exaustivos «Corpus»⁽¹⁾, bem como o exame minucioso de cada elemento decorativo ou figurativo.

Os mosaicos do Arneiro pertencem ao tipo geométrico, o mais vulgar entre os aparecidos em território português, à excepção de um que é figurado. Lamentavelmente desconhecem-se as medidas de todos, a não ser a deste último.

1 — Mosaico descoberto em 1948 por Virgílio de Sousa, encontrando-se ainda no local enterrado.

É de fundo branco com desenhos a preto formando meandros que Blake⁽²⁾ e Doro Levi chamam «key pattern» e Stern⁽³⁾ «pannetons de clé» e que nós poderíamos traduzir por palhetões. Normalmente estes desenhos pertencem a mosaicos antigos, negro sobre branco, e são pouco frequentes em território português, aliás como em toda a Península Ibérica, que se revelou particularmente rica em mosaicos tardios (III e IV séculos).

H. Stern assinala dois semelhantes a este, um aparecido em Bavay⁽⁴⁾ e outro em Bous⁽⁵⁾, datando ambos do I-II séculos.

Inédito, do II século.

2 — Mosaico descoberto em 1948 por Virgílio de Sousa, encontrando-se enterrado no local.

É de tesselas brancas e pretas. O campo é formado por cruces gregas, a branco, separadas por quadrados pretos no fim dos braços. Entre os

(1) Quanto à Península Ibérica, o Instituto Español de Arqueologia sob a direcção de A. García y Bellido anuncia que apresentará em breve um «Corpus» dos mosaicos encontrados em Espanha. Para os mosaicos de Portugal, a autora deste artigo, por sugestão do Prof. Doutor Manuel Heleno, apresentou em 1959 uma dissertação para Licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas, intitulada *Mosaicos Romanos de Portugal*. Posteriormente, com auxílio da Fundação Calouste Gulbenkian, prepara um «Corpus» tanto possível completo dos mosaicos portugueses.

(2) Blake I, p. 109.

(3) Stern I, p. 12.

(4) Stern I, p. 80, est. 42.

(5) Stern II, p. 37, est. 16.

braços das cruzes aparecem quadrantes de círculo que formam octógonos a branco com quatro lados rectos e quatro curvos. No meio destes octógonos uma cruzinha ou roseta formada por 13 cubos dando o aspecto de uma flor de 4 pétalas.

Em Roma, nas Termas de Caracala, apareceu um mosaico de igual desenho mas com as cores ao contrário, e sem as cruzinhas ⁽¹⁾. As cruzinhas são um elemento muito antigo que segue uma evolução através dos séculos complicando-se pouco a pouco. Aparece com frequência na segunda metade do III século, mas no Norte de África podemos vê-lo por exemplo num mosaico das Termas de Themetra, cujo conjunto foi datado de 200-250 ⁽²⁾. Inédito, da segunda metade do século III.

3 — Mosaico descoberto em Agosto de 1848 pelo Rev. Patrick B. Russel e deixado no terreno. Apenas temos um desenho feito na época que poucas indicações nos pode dar.

É de forma rectangular, com cercadura de meandros exteriormente, e interiormente uma grega de dois elementos. O campo é preenchido também por gregas que formam octógonos e círculos. No interior dos octógonos outros que apresentam uma pequena cruz no centro, e no interior dos círculos um nó de salomão ou um elemento floral (o desenho não deixa perceber).

Este é um exemplo do «estilo compartimentado» característico do III século ⁽³⁾ que aparece na Gália e no Norte de África quase ao mesmo tempo. Numa primeira fase os medalhões são preenchidos por figuras e na segunda fase por motivos ornamentais, como é aqui o caso.

É da 2.^a metade do III século.

4 — Mosaico encontrado em 1948 por Virgílio de Sousa. É policromo em *opus tessellatum* e *opus vermiculatum*.

Apenas possuímos a fotografia de um pequeno fragmento. Apresenta uma grega fraccionada e volutas vegetais de uma grande elegância.

Inédito, do III século.

5 — Mosaico encontrado em 1948 por Virgílio de Sousa e conservado no local, enterrado.

⁽¹⁾ Blake III, p. 89, est. 34 G.

⁽²⁾ Louis Foucher, *Thermes Romains des environs d'Hadrumete*, Institut Nat. d'Arch. et Arts de Tunis, 1958, p. 30, est. 15 C.

⁽³⁾ Parlasca, p. 117.

É em *opus tessellatum* e *opus vermiculatum*, policromo, empregando o branco, preto, azulado, vermelho, rosa, laranja e amarelo.

Deste mosaico temos fotografias de vários aspectos mas falta-nos uma do conjunto que seria do maior interesse pois ele apresenta elementos pouco vulgares entre os mosaicos aparecidos no nosso território e que pelo contrário são bem característicos dos mosaicos orientais, em especial os de Antioquia. Melhor, ele alia esses elementos aos típicos dos mosaicos ocidentais e do Norte de África.

O mosaico é decorado exteriormente por larga trança de quatro elementos. O campo apresenta circunferências e ovais estilizadas (lembrando botões da flor de lótus) entrelaçadas e decoradas exteriormente por uma trança de dois elementos que invade também o centro das ovais dividindo-as em duas metades. De cada lado uma interessante decoração no estilo arco-íris «rainbow-style». É caracterizado por uma série de linhas grossas em zig-zag de aspecto matizado. A origem deste elemento foi explicada pelos orientalistas como uma ultra-estilização da grinalda e procurada a sua aparição nos mosaicos de Antioquia; mas Doro Levi⁽¹⁾ contraria esta tese indicando vários mosaicos ocidentais anteriores aos de Antioquia em que este elemento já aparece. Com efeito, nos mosaicos do Norte de África, que apresentam tantas semelhanças com os de Portugal, vamos encontrar este elemento desde os fins do século II. Segundo G. Ch. Picard⁽²⁾ o estilo arco-íris ou «rainbow-style» foi empregado pela primeira vez em 184, em Achola. No entanto é em Antioquia e nos mosaicos orientais (nos do Líbano⁽³⁾ por exemplo) que ele tem uma voga extraordinária. Em Antioquia aparece na época que vai de 235-312 se bem que tenha feito antes uma tímida aparição em motivos isolados.

Outro desenho que vemos neste mosaico é uma semi-rosácea apresentando um denteado nos bordos. Interiormente é decorada por sombras e matizados dispostos irregularmente; no centro uma decoração floral matizada que, como a rosácea, foi bruscamente interrompida pelo fim do campo. Este elemento que os franceses chamam «rosace coquillée» é um motivo intermédio entre a roseta e a concha, ou para outros uma estilização da

(1) Op. cit., p. 405-406.

(2) *Mosâiques Africaines du III^e s. ap. J.-C.* in *Revue Archéologique*. Julho-Setembro, p. 23, 1960.

(3) M. Chéhab, *Mosâiques du Liban*. Paris. 1958. 2 vols.

concha. A origem deste elemento decorativo tem sido muito investigada e discutida. Para uns seria de origem oriental relacionado com o culto de Afrodite e teria sido divulgado no Ocidente graças às conquistas de Alexandre, aparecendo já na arte etrusca. Para outros, os seus inventores, ou pelo menos os primeiros a empregá-lo como elemento de arquitectura, seriam os Romanos no I século d. C., em Itália e em Pompeia. No século II e III este elemento alcança grande voga, começando pouco a pouco a aparecer as estilizações.

Entre a rosácea e os lados dos círculos e das ovais, há uma decoração que os ingleses chamam «twisted ribbon», os franceses «ruban ondulé» e que nós podemos traduzir por fita ondulada. Num interessante estudo sobre a sua evolução, Levi ⁽¹⁾ mostra-nos como ela está ligada à estilização da flor de lótus ou a um elemento floral. Entre as várias formas que pode tomar, a que se assemelha mais à do nosso mosaico é a do de Viena ⁽²⁾ também aí associada à presença de outros motivos da flor de lótus.

Analisemos agora estes e outros elementos do mosaico do Arneiro sob o ponto de vista exclusivamente cronológico para nos ajudar a datá-lo.

O «rainbow-style» como atrás dissemos aparece em motivos isolados nos fins do século II princípios do III, e alcança grande voga a partir de 235. No Oriente não há quase mosaico do século III e IV e até mais tardios, em que não apareça este elemento. A fita ondulada (twisted ribbon) que aparece antes do III século sofre várias evoluções, tendo já um denteado nos fins do III, princípios do IV séculos. Outro elemento é a roseta formada por uma cruz em tesselas brancas tendo no meio um «diamante» preto, envolvida por um círculo de tesselas brancas e pretas e com graduações de cores e sombras entre os braços, lembrando a estilização de uma flor de 4 pétalas. Não vemos em outros mosaicos de Portugal este motivo a não ser nos de Torres Novas. Vamos encontrá-lo a partir do século III, por exemplo em Antioquia, na *House of the Boat of Psyche* de período post-severiano ⁽³⁾. Um mosaico de Thenae (Henchir-Thina), Norte de África ⁽⁴⁾, apresenta muitas semelhanças com o nosso. Também ele tem gregas desenhando círculos e ovais (mas não com o aspecto de flor de lótus) entrela-

(1) Op. cit., p. 452-455.

(2) Inv. Gaule, n.º 167, cit. por Levi, p. 455.

(3) Levi, II vol., est. 36 A.

(4) Musée Alaoui. *Catalogue*, fasc. 1. Paris. Ed. Ernest Leroux. 1907. p. 27, est. 18, 2.

çando-se. As decorações que aparecem são motivos em «rainbow style», a mesma roseta cruciforme, denteados, elementos florais, etc. O mosaico tem o mesmo aspecto nas interrupções bruscas da decoração, mas as figuras nele desenhadas fazem-nos recuá-lo um pouco em relação ao nosso. Um outro de Bergheim (1), que apresenta um aspecto também anterior ao nosso, foi datado do 2.º quarto do III século.

Inédito, dos fins do século III, princípios do IV.

6 — Mosaico encontrado em 1848 pelo Rev. Dr. Russel. Foi levado para o estrangeiro, não se sabendo presentemente onde se encontra.

Compunha-se de um rectângulo de 10,55 m de comprimento por 5,45 m de largura, e de uma ábside semicircular. Esta era de tesselas brancas e pretas enquanto que o campo era policrómico.

Ábside: seis quadrados dispostos em duas filas decorados exteriormente por dentes de serra (chevron). Interiormente são decorados por outros pequenos quadrados. Separando a ábside e o campo vemos quadrados com outros inscritos.

Campo: a decoração geométrica é variada. Aos lados, no sentido da altura 1, faixa de ornatos peltiformes decorados com folhas (vinha?). Na parte inferior do rectângulo uma decoração em faixas horizontais, sucessivamente 3 losangos terminando em volutas, um encanastrado, e círculos debruados por gregas. No centro do campo um quadrado debruado por um largo encanastrado e uma grega de dois elementos que desenha aos cantos 4 molduras quadradas em que se vêem bustos de mulheres. No centro, Orfeu sentado num rochedo, com a cara voltada à direita, tocando lira e rodeado de animais. Orfeu tem o barrete frígio e uma túnica oriental. Um lobo, um porco, uma raposa, um veado, um coelho e uma pantera escutam a música de Orfeu, enquanto que dois veados, desenhados em baixo entre dois bustos, parecem mais fazerem parte da decoração que pròpriamente do *paradeisos*. Os quatro bustos são as Estações que aparecem frequentemente ligadas ao mito de Orfeu.

A lenda de Orfeu está impregnada de simbolismos e é uma das mais obscuras que a mitologita helénica conheceu.

Orfeu era filho de Oeagre e da musa Calíope, segundo a tradição mais corrente. Desde cedo se dedicou à música, ao canto e à poesia. Os seus ins-

(1) Stern III, est. 96, 476 A.

trumentos predilectos eram a lira e a cítara, umas vezes de que é apresentado como inventor, outras como tendo-a recebido de Apolo, acrescentando-lhe 2 cordas para ficarem 9 como as Musas. O encanto da sua música amansava as feras, dominava a natureza e os homens.

O mito mais célebre ligado a Orfeu é o da descida aos Infernos à procura de Eurídice, sua mulher, morta por uma serpente. Graças à sua lira encanta os monstros e as divindades infernais, conseguindo de Plutão e Prosérpina a autorização para levar Eurídice consigo, mas com a condição de não a olhar enquanto permanecesse nos Infernos. Orfeu não conseguiu cumprir esta imposição e perdeu Eurídice para sempre. Mergulhado na sua dor volta à Trácia, onde continua uma existência triste, cantando as suas mágoas. Depois de morto teria sido enterrado na ilha de Lesbos. A lira foi transportada ao céu onde se tornou uma constelação, e a alma foi para os Campos Elíseos onde, revestida de uma túnica branca, continuou a cantar ⁽¹⁾.

O mito de Orfeu desde cedo atraiu os mosaicistas, e em Roma e nas províncias romanas são em número elevado os mosaicos que apresentam este mito. Em 1955, H. Stern ⁽²⁾ dava já 46 mosaicos conhecidos de Orfeu, sendo 10 da Gália.

Quais são as datas desses mosaicos? As mais variadas, pois a lenda de Orfeu foi mais tarde aproveitada pelo Cristianismo primitivo. Durante os três primeiros séculos da nossa era os cristãos devido às perseguições foram obrigados a refugiarem-se nas catacumbas, cujas paredes se encheram de pinturas. Esses pintores improvisados foram buscar aos elementos pagãos toda uma simbólica só deles conhecida. Orfeu será assim o Bom Pastor e os animais representam os cristãos encantados pelas promessas da sua religião. O ciclo das Estações simbolizava a ressurreição, a vida sucedendo à morte como a Primavera segue ao Inverno. Outros elementos, como por exemplo as folhas de videira (que também vemos na decoração do nosso mosaico) representariam Jesus e os seus fiéis. Mais tarde estes elementos passaram para os mosaicos que ornamentavam as salas, basílicas cristãs e as tumbas funerárias.

Será o nosso mosaico cristão? Vejamos o seu formato. Segundo o Doutor D. Fernando de Almeida ⁽³⁾ ele tem o formato das basílicas cristãs do

⁽¹⁾ P. Grimal, *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*. Paris. 1951.

⁽²⁾ In *Gallia*, 13, fasc. 1. 1955. p. 41-77.

⁽³⁾ *Arte Visigótica em Portugal*. Lisboa. 1962. p. 112.

século IV, como outras que aparecem no nosso território. Portanto além da representação órfica e da decoração empregue, a configuração basical está de acordo com a tese de ser cristão e do século IV. Aliás, em Martim Gil (¹), que fica a 1 km de Leiria, apareceu outro mosaico órfico paleocristão, cheio de símbolos, como por exemplo um escorpião (²), que aparece em vários mosaicos cristãos de Itália, Norte de África, Gália, etc., e nas pinturas das catacumbas. No entanto o mosaico de Martim Gil apresenta um aspecto decorativo mais tardio que o do Arneiro. Tudo parece indicar que existiu um núcleo cristão, a partir do século IV, na área de Arneiro, Martim Gil, etc. É este o parecer do Dr. Bandeira Ferreira (³) e talvez que outros achados posteriores o venham plenamente confirmar.

Entre as moedas encontradas abundam as de Constantino e de outros imperadores do século IV (⁴).

É da primeira metade do século IV.

CONCLUSÃO

Durante vários séculos deve ter existido no Arneiro um núcleo habitacional, primeiro talvez sob a forma de uma *villa* romana (de que seria exemplo o primeiro mosaico descrito) e depois, certamente devido aos recursos naturais da região, o local foi-se alargando (⁵). A existência de uma

(¹) Irisalva Moita, *O Mosaico de Martim Gil*, in *O Arqueólogo Português*, Nova Série, 1 vol., 1951. pp. 131-141.

(²) Maria Cristina Moreira de Sá, *Mosaicos Romanos de Portugal*. Lisboa. 1959. Vol. 1.º, p. 133 (tese dactilografada apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa).

(³) F. Bandeira Ferreira, *Mosaico paleocristão de Martim Gil*, in *Carreira* 9, ano I, n.º 2, 13/5/1961.

(⁴) Sobre este mosaico veja-se:

ALMEIDA, Fernando de — *Arte visigótica em Portugal*. Lisboa. 1962. p. 112.

LACERDA, Aarão de — *História de Arte em Portugal*. Porto. 1942. Vol. I, p. 106.

MARTIN, John — *Discovery of the remains of a roman villa at Arnal in Portugal*. In *Illustrated London News*, de 5/9/1857, p. 254.

Idem, 1, *Mosaicos do Arnal e S. Sebastião* in *O Archeólogo Portugues*, vol. 7. 1903. pp. 313-319.

VASCONCELOS, José Leite de — *Antiguidades do Sul de Portugal. Mosaico lusitano-romano de Leiria*, in *Archeólogo Portugues*, vol. 5. 1900. pp. 330-334.

(⁵) Caius Plinius Secundus na *Naturalis Historia*, IV, 113, de meados do séc. I fala nos grupos étnicos de *Collippo* (zona de Leiria) os *oppida*.

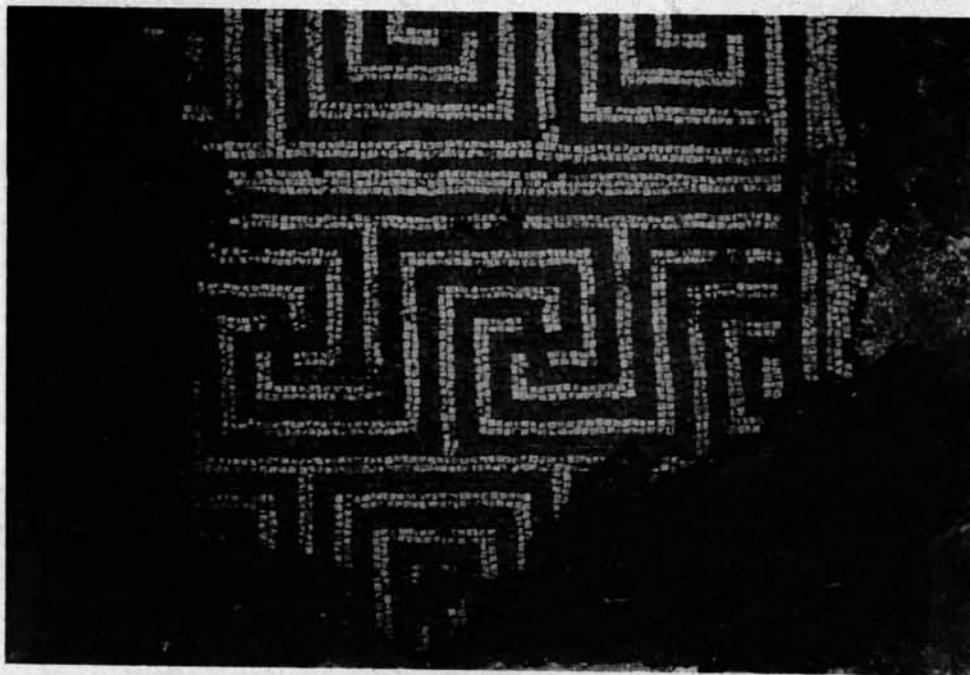
mina de ferro deve ter atraído ao local os romanos, desde os mais simples, que se dedicariam à extracção e fundição do metal, aos ricos senhores que possuíam belas casas de campo decoradas com mosaicos. Durante a época romana desenvolveu-se também em toda a região de Leiria a agricultura, sobretudo o cultivo da vinha.

Certamente nos princípios do século IV, ou mesmo antes, o cristianismo estendeu-se naquela zona, como o atesta o mosaico basical do Arneiro, e continuou, pelo menos até meados do século, como o demonstra o de Martim Gil (350 d. C.).

Os mosaicos do Arneiro apresentam características pouco vulgares nos outros mosaicos encontrados em território português. Neles não vemos a marca de um estilo regional, mas sim influências diversas, sobretudo orientais. Este facto leva-nos a pensar que os mosaicos foram executados por um mosaicista oriental ou habituado a trabalhar nas províncias orientais, ou ainda o dono da *villa* era do Oriente e quis rodear-se do ambiente a que estaria habituado. O mosaico figurado, mais rico mas também mais caro de execução, aparece por todo o mundo romano em habitações luxuosas.

A importância dos mosaicos do Arneiro bem merecia que uma escavação sistemática e organizada pusesse a descoberto as ruínas. Oxalá que este artigo desperte interesse nas entidades competentes.

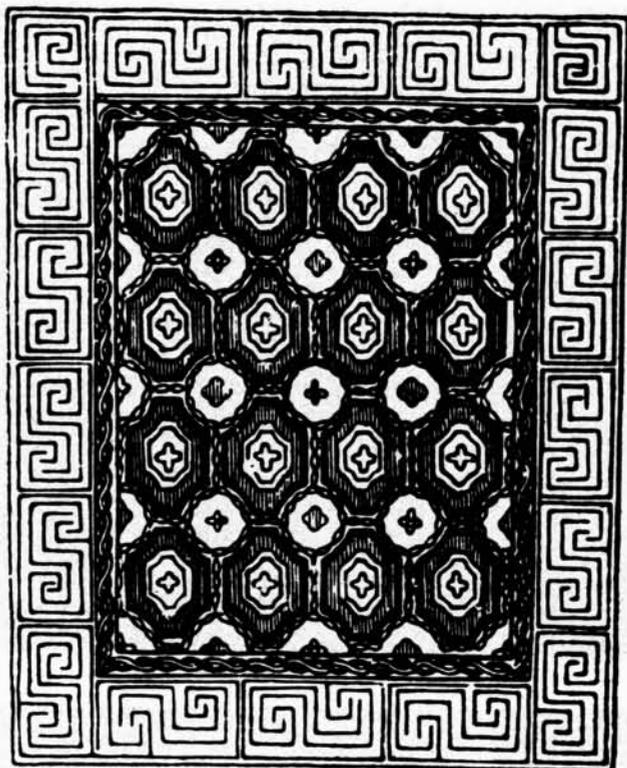
Paris, Abril de 1966.



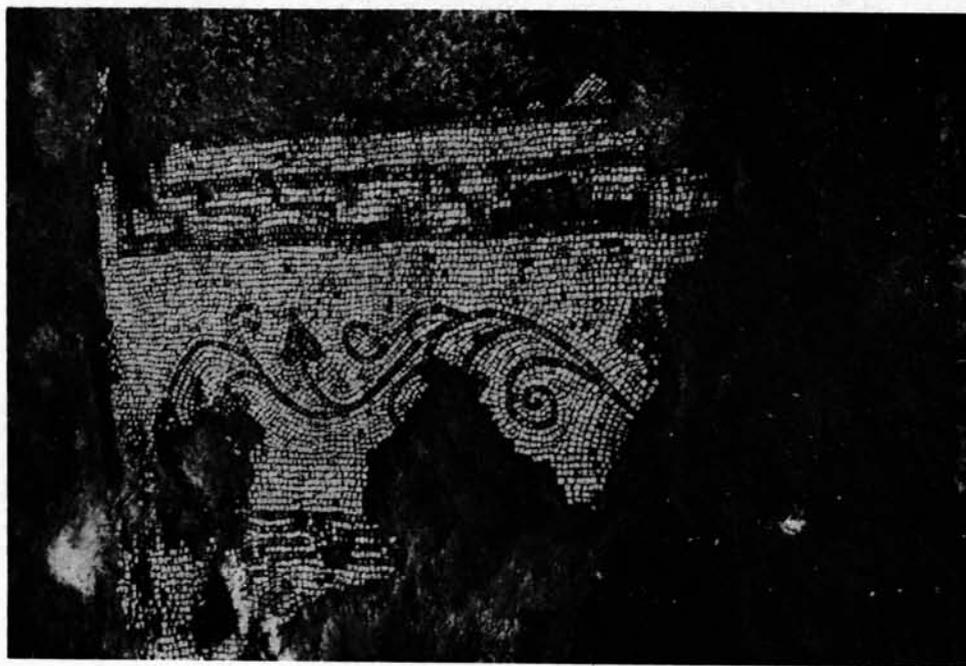
MOSAICO N.º 1



MOSAICO N.º 2



MOSAICO N.º 3



MOSAICO N.º 4



MOSAICO N.º 5



CRUZ



MOSAICO N.º 5



MOSAICO N.º 6